

A farsa do inglês escolar

RAYMUNDO DE LIMA*

Um aluno processa a escola porque recebeu diploma sem ter aprendido inglês. Essa possibilidade existe, como acontece no filme “Escola da desordem” (*Teachers*/1986), onde um aluno processa judicialmente uma escola dos Estados Unidos, porque ela não lhe ensinou a ler, compreender, escrever, contar.

Muitos alunos nossos também recebem diploma e não aprendem as matérias dos currículos. Na faixa dos 15 anos, o Brasil está em 53º lugar em compreensão de leitura, 53º em ciências e 57º em matemática, segundo o PISA, num ranking de 65 países. Se fosse avaliada a proficiência em inglês, seríamos o último lugar. Mas, alguém se importa?

Praticamente todas as escolas públicas e particulares, no Brasil têm língua inglesa nos currículos, mas é preciso cursar uma escola particular, especializada de línguas, que ainda não garante fluência. Os cursinhos pré-vestibulares se preocupam “apenas ensinar ler textos em inglês, mas não ensina escrever, escutar e falar”, observa Claudio Anjos, diretor de exames do British Council no Brasil.

A culpa deste fracasso é atribuída ao aluno, professor, escola, metodologia e sistema de ensino brasileiro. As escolas em geral se sentem desobrigadas para levar os alunos a adquirirem proficiência em inglês. Porque “o objetivo das escolas não é dar

proficiência total no inglês aos alunos, mas garantir que eles tenham contato com a cultura, a estrutura da língua e o vocabulário”, diz a FINEP (Federação das Escolas Particulares do País)¹.

Resultado: o Brasil ostenta um dos piores

índices de proficiência na língua inglesa do mundo. É o que indica uma pesquisa da agência de intercâmbios Education First (EF). Entre os países dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China), os brasileiros só foram melhores que os russos. Os brasileiros receberam nota média de 47,27 no índice English Proficiency Index (EPI) – desempenho inferior ao apresentado por participantes de países como Argentina, Costa Rica e República Tcheca. Com isso, o Brasil conquistou a 31ª posição no ranking de 44 países que não têm o inglês como segunda língua.



¹ Folha de S. Paulo – C6, 26/07/2012.

Ciência Sem Fronteiras X revela farsa do inglês

Recentemente a presidenta Dilma Rousseff criou o programa “Ciência Sem Fronteiras”², para 101 mil bolsistas cursarem uma pós-graduação nas universidades estrangeiras (a meta é que sejam distribuídas pelo programa 75 mil bolsas de estudo até 2014, financiadas pelo governo e as restantes pela iniciativa privada). A deficiência em inglês foi verificada na seleção dos bolsistas. Portugal e Espanha aparecem em primeiro lugar no programa Ciência Sem Fronteiras/ 2012, porque provavelmente os candidatos-bolsistas têm dificuldade com o inglês, observa o ministro da Educação, Aloizio Mercadante (FSP:26/07/12). Portugal não tem nenhuma universidade entre as 200 melhores do mundo, se consideramos o ranking Times Higher Education. A Espanha possui uma, ante 75 dos Estados Unidos e 32 do Reino Unido, observa Fábio Takahashi (FSP:26/07/12).

Certamente existem boas universidades nestes dois países, mas o Programa Ciência Sem Fronteira prevê que os bolsistas busquem as universidades “mais conceituadas para cada grande área do conhecimento”. As áreas prioritárias para o Brasil de hoje e do futuro são as tecnológicas (ver quadro, abaixo). Estão fora do Programa as Humanidades, porque já temos profissionais suficientes nestas áreas.

É nas tecnológicas e biológicas que os chineses, coreanos do sul e japoneses, ocupam a maioria das vagas das

universidades dos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália. A fluência em inglês é imprescindível para acompanhar estes cursos. Por isso as escolas dos seus países levam a sério o ensino-aprendizagem da língua inglesa. “Nas universidades japonesas, o ensino de inglês virou prioridade máxima”. Empresas como a Nissan, Uniqlo, Rakuten, o inglês é a língua oficial (FSP-Ilustríssima, 22/07/2012).

Aviso aos “americanofóbicos”: a China (que ainda dirigida pelo Partido Comunista Chinês) é quem manda o maior número de estudantes para universidades norte-americanas: 202 mil no ano letivo 2010/11. A Coreia do Sul tem 107 mil, e da Arábia Saudita conta 51.999 de alunos seus nos Estados Unidos. Até abril/ 2012, o Brasil registrou 15.517 brasileiros em escolas norte-americanas. A meta do Programa Ciência Sem Fronteiras é de 50 mil bolsistas nos Estados Unidos até 2014. O Reino Unido espera 10 mil alunos brasileiros do Ciência Sem Fronteiras até o final de 2014, sendo que 20% destes estudantes devem ser classificados como baixa renda.

* * *

Na internet não encontrei nenhuma pesquisa sobre as causas da farsa do ensino-aprendizagem da língua inglesa, no Brasil. Apenas me deparei com o livro *“Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão, múltiplos olhares”*, organizado pelo professor e pesquisador, Diógenes Cândido de Lima (Ed. Parábola, 2011). É uma coletânea de artigos cujo mérito vai além de denunciar o descaso com o ensino desta língua estrangeira que como sempre foi tratado nas escolas brasileiras, especialmente as que fazem parte da rede pública. Os autores discutem as causas deste fracasso, apresentam depoimentos cujo “tom

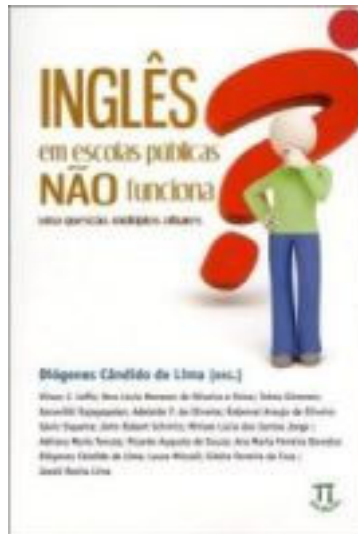
² “Ciência sem Fronteiras” é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. Programa como este já existe em países como China, Coreia do Sul, Japão, etc.

sincero, franqueza e coragem chocam pela indiferença, pela falta de compromisso e pelo descaso com que muitos professores ensinam o inglês”.

Por que hoje o inglês é imprescindível?

Porque é a língua da comunicação no campo científico, nas universidades, nos negócios transnacionais, no turismo, na mídia. Existem cursos nas universidades globalizadas em que o inglês é imprescindível. Inclusive no Brasil já existem cursos em nível de pós-graduação ministrados só em inglês. Mesmo na graduação, as disciplinas curriculares que não usam textos em outra língua podem proporcionar uma formação incompleta e desatualizada, visto que os artigos, *papers*, e resenhas publicadas em revistas internacionais são em inglês. Também, os congressos científicos hoje exigem que as comunicações sejam em inglês, mesmo os realizados no Brasil.

Portanto, o domínio da língua inglesa é imprescindível em qualquer formação profissional globalizada. É um absurdo que pilotos de voos internacionais e controladores de tráfego aéreo não sejam fluentes em inglês, como tem sido noticiado na imprensa³. Os “americanofóbicos” ou “inglesfóbicos”,



vítimas do esquerdismo⁴ dos anos 1960-70, terão que superar sua neurose se quiseram avançar na troca atualizada dos conhecimentos “sem fronteira”.

As escolas públicas e particulares devem parar de enganar os alunos e pais com um inglês faz-de-conta. As universidades devem formar uma nova geração de professores de línguas competentes na metodologia do ensino, principalmente para ensinar inglês. A formação original e continuada dos professores precisam preencher esta falha curricular.

É hora de parar de reproduzir a farsa do inglês nas escolas.

⁴ “Esquerdismo: doença infantil do comunismo” é um escrito ensaístico de Lenin, publicado em 1920. Empregamos, aqui, “esquerdismo” segundo a perspectiva psicanalítica: um sintoma neurótico marcado pela compulsão de estigmatizar o outro de “burguês”, “revisionista”, “reacionário”, “reformista” (termos usados nos anos 1960-80). O esquerdismo é sintoma da falta de argumentação consistente ou a incapacidade para reconhecer a realidade em movimento (dialética). O esquerdismo contribuiu muito para ampliar a ignorância no movimento de esquerda no Brasil e no exterior. Muitos pais que sofriam de esquerdismo, entre 1960-80, boicotaram os filhos de aprender inglês, ouvir-cantar músicas dos Beatles entre outros, usar uma calça Lee, tomar Coca-cola, enfim, valia tudo para evitar os filhos serem influenciados pelos valores diabólicos do capitalismo. Resultado: muitos intelectuais hoje porque são ignorantes nesta língua internacional, e deixam de avançar em algumas áreas do conhecimento e no intercâmbio internacional. Sorry!

³ “Ao menos 95 pilotos brasileiros que comandam voos internacionais estão com as suas licenças ameaçadas pela ANAC (Agência Nacional de Aviação) sob a suspeita de não serem fluentes em inglês como declaram ser...” Folha de S. Paulo: 13/07/2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/54297-ingles-ruim-ameaca-licenca-de-pilotos-de-aviao-no-pais.shtml>

Referências

CIÊNCIA SEM FRONTEIRA (PROGRAMA). Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/atracao-de-cientistas-para-o-brasil1>>

GOVERNO ANUNCIA EXAMES DE INGLÊS GRÁTIS PARA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS (14/05/2012). Disponível em: <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2012/05/governo-anuncia-exames-de-ingles-gratis-para-ciencia-sem-fronteiras.html>> Acesso em 31/07/2012.

INGLÊS RUIM AMEAÇA A LICENÇA DE PILOTOS DE AVIÃO BRASILEIROS. In: **Folha de S. Paulo**: 13/07/2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/54297-ingles-ruim-ameaca-licenca-de-pilotos-de-aviao-no-pais.shtml>>

LIMA, Diógenes Cândido (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona**: uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola, 2011.

O JAPÃO SE ANGLICIZA. **Folha de S. Paulo – Cad. Ilustríssima**. 22/07/2012.

ROSSI, Clóvis. *Tio Sam quer você*. **Folha de S. Paulo**: 29/07/2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/1127960-tio-sam-quer-voce.shtml>>

Áreas prioritárias no programa *Ciência sem Fronteiras* são:

Engenharias e demais áreas tecnológicas;

Ciências Exatas e da Terra;

Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde;

Computação e Tecnologias da Informação;

Tecnologia Aeroespacial;

Fármacos;

Produção Agrícola Sustentável;

Petróleo, Gás e Carvão Mineral;

Energias Renováveis;

Tecnologia Mineral;

Biotecnologia;

Nanotecnologia e Novos Materiais;

Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção;

Ciências do Mar;

Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação);

Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação e professor do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM).